

O título deste artigo pode ser lido de duas maneiras: como uma alusão às mulheres e à ficção que elas escrevem, ou às mulheres e à ficção que é escrita acerca delas. A ambiguidade é intencional, pois, ao falarmos das mulheres como escritoras, é desejável que o façamos com o máximo de elasticidade, uma vez que é necessário deixar espaço para abordar outras coisas além da sua escrita, de tal maneira ela foi influenciada por condições que nada têm que ver com arte.

Qualquer análise da escrita feminina, por mais superficial que seja, levanta um sem-número de

questões. Por que razão, perguntamos logo à partida, as mulheres não escreveram de forma contínua antes do século XVIII? Por que razão escreviam nessa altura quase com a mesma frequência que os homens, produzindo, um após outro, alguns dos grandes clássicos da ficção inglesa? E por que razão assumia a sua arte nessa altura — e por que razão, e em certa medida, a sua arte continua a assumir hoje — a forma de ficção?

Se pensarmos um pouco, veremos que estamos a fazer perguntas para as quais apenas receberemos como resposta mais ficção. A resposta está fechada a sete chaves em alguns diários, bem guardada em velhas gavetas, semiobliterada na memória dos mais velhos. Podemos encontrá-la nas vidas obscuras — naqueles corredores da história imersos na penumbra onde se delineiam, tão difusas e intermitentes, as figuras de gerações e gerações de mulheres. Porque é muito pouco o que se sabe sobre as mulheres. A história de Inglaterra é a história da linhagem masculina, não

da feminina. Sobre os nossos pais, sabemos sempre algum facto, algum feito. Ou eram soldados ou eram marinheiros; desempenharam aquele cargo ou fizeram aquela lei. Mas o que nos resta das nossas mães, das nossas avós, das nossas bisavós? Nada a não ser a tradição. Uma era muito bonita; outra era ruiva; outra ainda foi beijada por uma rainha. Não sabemos nada acerca delas exceto o nome, a data do casamento e o número de filhos que tiveram.

Assim, se quisermos saber por que razão em determinado momento as mulheres faziam isto ou aquilo, porque não escreviam nada, mas porque, por outro lado, escreveram obras-primas, é extremamente difícil descobri-lo. Quem fosse procurar entre toda a papelada antiga, virasse a história do avesso e, assim, construísse um retrato fiel da vida quotidiana da mulher comum do tempo de Shakespeare, Milton ou Johnson, não só escreveria um livro surpreendentemente interessante como forneceria também ao crítico uma

arma que agora lhe falta. A mulher extraordinária depende da mulher comum. Só quando sabemos em que condições vivia a mulher comum — quantos filhos tinha em média, se tinha dinheiro seu, se tinha um quarto só seu, se tinha ajuda para criar a família, se tinha criados, se parte da lida doméstica era da sua responsabilidade — é que podemos avaliar o estilo de vida e a experiência de vida possíveis à mulher comum e podemos explicar o sucesso ou o fracasso da mulher extraordinária enquanto escritora.

Estranhos hiatos de silêncio parecem separar um período de atividade do outro. Houve Safo e um pequeno grupo de mulheres, todas a escreverem poesia numa ilha grega 600 anos antes do nascimento de Cristo. Silêncio. Depois, por volta do ano 1000, encontramos uma certa dama da corte, Lady Murasaki, a escrever um belíssimo e longo romance no Japão. Mas na Inglaterra do século XVI, quando os dramaturgos e os poetas estavam particularmente ativos, as mulheres esta-

vam mudas. A literatura isabelina é exclusivamente masculina. Mais tarde, no final do século XVIII e início do XIX, encontramos de novo as mulheres a escrever — desta vez em Inglaterra — com extraordinária frequência e sucesso.

As leis e os costumes eram naturalmente os grandes responsáveis por esta estranha alternância entre silêncio e discurso. Quando, como acontecia no século XV, uma mulher podia ser espancada e atirada pelo quarto fora se não se casasse com o homem que os pais tinham escolhido para ela, a atmosfera espiritual não era favorável à produção de obras de arte. Quando era obrigada a casar-se sem o seu consentimento com um homem que passava daí em diante a ser seu dono e senhor, «tanto pelo menos quanto as leis e os costumes lho permitiam», como acontecia no tempo dos Stuarts, é provável que a mulher tivesse pouco tempo e ainda menos disposição para escrever. Só agora, nesta época psicanalítica, começamos a ter uma ideia do

tremendo efeito do ambiente e da sugestionabilidade no seu espírito. Mais uma vez, com livros de memórias e cartas para nos ajudarem, começamos a compreender quão anormal é o esforço necessário para produzir uma obra de arte, e que proteção e que apoio requer a mente do artista. Tais factos são corroborados pelas vidas e correspondência pessoal de homens como Keats, Carlyle e Flaubert.

Assim, verificamos que o extraordinário surto de ficção no início do século XIX em Inglaterra foi anunciado por inúmeras pequenas mudanças nas leis, costumes e comportamentos. E que as mulheres do século XIX tinham algum tempo livre e tinham alguma educação. Deixou de ser exceção as mulheres das classes média e alta escolherem os maridos. E é sintomático que das quatro grandes romancistas — Jane Austen, Emily Brontë, Charlotte Brontë e George Eliot — nenhuma tivesse filhos e duas não se tivessem casado.